

horácio dídimo



tempo de chuva



# o mágico

tudo

não

pode

ser

porque

tudo

não

acaba

nunca

**HORÁCIO DÍDIMO**

# tempo de chuva

*Prêmio*

Universidade Federal  
do Ceará (1966)

 INSTITUTO  
**HORÁCIO DÍDIMO**  
ARTE, CULTURA E ESPIRITUALIDADE

 **mórula**  
EDITORIAL

Copyright © Horácio Dídimo.  
Todos os direitos desta edição reservados  
à MV Serviços e Editora Ltda.

REVISÃO

Júlia Greco

Leonardo Cunha

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Elaborado por Gabriela Faray Lopes — CRB 7/6643

---

D554t

Dídimo, Horácio, 1935-2018

Tempo de chuva / Horácio Dídimo. – 2. ed. – Rio  
de Janeiro: Mórula, 2023.

96 p. : 18 cm.

“Prêmio Universidade Federal do Ceará (1966)”.

ISBN 978-65-81315-53-5

1. Poesia brasileira. I. Instituto Horácio Dídimo.

II. Título.

23-83017

CDD: 869.1

CDU: 82-1(81)

---



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904  
20021\_360 \_ Lapa \_ Rio de Janeiro \_ RJ  
[www.morula.com.br](http://www.morula.com.br) \_ [contato@morula.com.br](mailto:contato@morula.com.br)

/morulaeditorial /morula\_editorial

# sumário

7 TEMPO DE CHUVA: água, começo  
e transparência

CARLOS AUGUSTO LIMA

MANOEL RICARDO DE LIMA

- 25 a chuva
- 26 a estrada
- 27 a fila
- 28 a flor
- 29 a fumaça
- 30 a janela
- 31 a lâmina
- 32 a longa espera
- 33 a mudança
- 34 a sala de espera
- 35 a seca
- 36 a tarde
- 37 a última lembrança
- 38 a valsa
- 39 algumas palavras
- 40 ao menos

- 41 as casas
- 42 as doces meninas de outrora
- 43 bem se vê
- 44 branca de neve
- 45 chapeuzinho vermelho
- 46 chegou
- 47 convite
- 48 de como apesar de tudo a vida continua
- 49 eletrocardiograma
- 50 era bom
- 51 havia dias de muito sol
- 52 meia-noite
- 53 música
- 54 o anjo
- 55 o assunto
- 56 o banco do jardim
- 57 o cego
- 58 o emparedado
- 59 o fardo
- 60 futuro
- 61 o gnomo
- 62 o lixo o luxo
- 63 o mágico
- 64 o mar
- 65 o monstro
- 66 o mordomo

- 67 o pássaro
- 68 o patinho feio
- 69 pierrô
- 70 o poema
- 71 o presente
- 72 o quarto
- 73 o sujeito
- 74 o teu sorriso
- 75 o vento
- 76 o zéfiro
- 77 os dedos amarelos
- 78 os insetos
- 79 os pássaros
- 80 os rebeldes
- 81 os robôs
- 82 palavras
- 83 perto
- 84 predestinação
- 85 procrastinação
- 86 reconhecimento
- 87 sinal
- 88 sol
- 89 talvez
- 90 triste
- 91 último olhar de asas coloridas
- 92 uma noite





## **TEMPO DE CHUVA: água, começo e transparência**

CARLOS AUGUSTO LIMA  
MANOEL RICARDO DE LIMA

. 1 .

*Tempo de chuva* é um livro de água, quando ficamos diante da ideia de que o mundo é feito de pequenas coisas, uma microscopia aberta, um projeto de que nada se sabe exatamente. Publicado em 1967, é o primeiro livro de Horácio Dídimo [Fortaleza-CE: 23.03.1935 — 02.09.2018]. A primeira e única edição é dedicada a Eliane, sua irmã, com uma capa muito bonita e ilustrações feitas por Sérgio Lima. No prefácio, Braga Montenegro chama atenção ao “Prêmio Universidade Federal do Ceará, de 1966, destinado a estudantes dos cursos superiores de Letras” e à “escolha de um certo

caderno de poemas” que sobressaltava aos olhos diante dos outros livros inscritos e, mais ainda, “a maneira fácil” e a “generosidade de jovem” do que é cada linha daqueles pequenos poemas.

O livro se emprenha e se imprime entre o jogo com um *começar*, ou seja, tarefa política, e com um projeto de *transparência* com o livro que viria depois, no ano seguinte, 1968: *Tijolo de barro*. É nessa perspectiva pensada e também imprevista da transparência, própria do inespecífico da arte moderna, e aí basta reparar a armadilha infraleve d’*O Grande vidro* de Marcel Duchamp, quando se apresenta o traço tênue e corajoso do que Horácio imagina para o poema como um gesto de vida, com as imagens que vêm dos dias e todos os impasses do real. O corpo só suporta essa desvinculação se a imaginação se faz presente como força constitutiva de algum vínculo. Pode-se ler em “o fardo”:

carregamos pelo lado de dentro  
neste momento  
escoriações generalizadas  
o balancete das lágrimas e sorrisos  
o atestado de óbito de vários passarinhos

a aguda consciência deste instante  
é a média imponderável da lembrança  
e do pressentimento

Importante reparar no que se apresenta a cada poema desse pequeno livro, em direção ao livro do ano seguinte, como interdição política e esperança a uma ecologia da errância: “a aguda consciência do instante”. O que nos remete ao que Jacques Derrida toma como um sentido de *demeure*, que vem do latim *demorari*, ou seja, tanto esperar quanto tardar: mora, morada, demora, hospitalidade radical. Derrida pergunta como decidir sobre o que resta de modo estável, como entender essa palavra, se nome ou verbo, se locução adverbial, se ela é ao mesmo tempo o que permanece e o que intima. O pensador franco-argelino lembra que há aí sempre uma deriva de ideias diferidas, de espera, de contratempo, de atraso, de adiamento ou de suspensão. E anota que, por exemplo, “*être en demeure* é estar atrasado, e *mettre en demeure*, na linguagem jurídica, é intimar alguém a cumprir uma obrigação num determinado prazo”.

Horácio era muito atento a isso, numa espécie de propulsão da linguagem, silenciosa e vertiginosamente colada ao real, tocando os esgotamentos de pressão, temperatura e densidade da atmosfera que transformam a terra e a vida natural num único modelo, agora bélico e opressivo, o do capital e do direito que, por sua vez, violentamente, existe para proteger os movimentos ininterruptos do dinheiro. Horácio cursou Direito na Universidade Federal da Guanabara, no Rio de Janeiro, e depois Letras, na Universidade Federal do Ceará. Doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor do mesmo curso de Letras onde foi aluno, na UFC.

Se numa perspectiva de geração, a que se inscreve nos anos 1960 de um Brasil descompassado pelo golpe militar e pela violência do AI-5 [perseguições, exílios, torturas, desaparecimentos e mortes], tem-se aí também as primeiras ilusões e deslumbres pelas imagens espaciais, a invasão televisionada e multicolorida, o afã tórrido pelo signo da tecnologia, a crença no pulsar do concreto fincado no planalto central — o equívoco pensado e espontâneo do que pode ser uma cidade —, a

religião do progresso, o futuro incessante e que, enfim, parecia chegar a um país enorme, vasto, desigual, e que seria a natureza gratuita e cordial que iria redimir a nossa pobreza. A terra de bons ares, água em abundância, de chão fértil em que se plantando tudo dá. Natureza para ser devorada. Nada seria impossível para o rosário da civilização de fé inabalável: modelo único, capitalismo narcótico, mutação antropológica. Mas na poesia e no pensamento de Horácio há uma suspeita que anuncia os impasses do *humano*, quando a técnica oblitera o espaço e o tempo entre o Homem e Deus, esta ontologia ambivalente *para-humana* e *subdivina*, escrita em maiúsculas, a invenção de novas crenças. Em “o pássaro” ele anota uma indagação irônica e de interdição à história, quase concentrado no gesto que não basta conhecer o passado, mas sim ativá-lo; ler o passado como um desvio, não como um retorno:

é você o contador de histórias  
que ganha o mundo  
dizendo cousas do arco-da-velha?  
  
pois eu vim tomar uma satisfação

. 2 .

Dessa maneira, podemos sugerir o empenho que se toda história é de amor é, também, *com* a poesia de Horácio, sugerir que toda história é equívoca e começa numa oscilação daquilo que também é o seu começo, um começar, algum começar. E, assim, entre *começo* e *transparência*, Horácio Dídimo sempre é, para nós, o poeta mais raro exatamente porque mais perto de uma aventura convicta e ética quando toda indagação, diante do instante e da história, ainda pode ser uma interdição silenciosa: quando fazer o possível e nada dá no mesmo. Nos restaria, com o poema, fazer a poesia, fazer o impossível. O tempo de seu trabalho com o poema é a expansão desse impossível como *hospitalidade radical*, circunscrição que gira e se engendra ao redor da lentidão, da vida colada à infância da linguagem, ao *in-fans*, numa anarquia deliberada com a síntese e o irreparável da linguagem: dizer quase sem dizer, quase não dizendo, dizer nada e, até, nunca dizer.

Vale o registro de que é essa ausência de demarcação mapeada ou severa — presença ausente no que se indica como “poesia brasileira” — que traçamos um esforço e uma luta para publicar as reedições desses dois primeiros livros: *Tempo de chuva* [1967] e *Tijolo de barro* [1968]. Foram muitos percursos e muitas conversas com alguns editores e algumas editoras, mas nada importa, mesmo quando o lance é o jogo da poesia com o mundo, ou seja, rivalidade, “canibal da própria biografia” e genealogia de vazios, que é bem o caso de Horácio Dídimo com a poesia. E não para deixar à vista as pegadas e o rastro ileso que traçou, não para revirar a memória em busca de um lugar de origem, uma *arché* entre sentido e comando, mas sim para a alegria, esta dimensão insensata do corpo na vida, com a vida, para a vida, que é ler e reler, tomar e retomar, a poesia naquilo que ela não é. A poesia não é uma contribuição a um bem comum, não é um patrimônio comum, mas é sim um modo de existência, uma singularidade de existir, contra a falta de imaginação do mundo como fechado e finito ao sucesso do

dinheiro. A poesia não-se-destina. E não à toa Horácio nos contava de um livro de poemas que escrevera e que estaria completamente perdido: *O chão dos astronautas*.

A imagem é impressionante, não apenas pela perda dos originais do livro [manuscrito, datiloscrito, digitado etc., não sabia ao certo], que é o de menos, mas pela expressão “completamente perdido” que remete aos lances mais abrangentes de invenção, risco e partilha insuspeita. É a paradoxal e vulnerável ideia das formas de *fazer* e de *resistir* tomando o poema como mera repetição diferida que Horácio reelaborava na contingência de seu pensamento: a força de existir, a força para existir. E isto já é muito mais do que suficiente a tudo.

E aí encontramos Vitor Castro, editor da Mórula, a quem agradecemos imensamente, que topou o risco da proposição política que tentamos referendar a partir da poesia de Horácio Dídimo nesses dois livros. Importantíssimo agradecer também ao filho, Luciano Dídimo, diretor do Instituto Horácio Dídimo, e a Ana Paula Vieira, uma das netas, que nos ajudaram imensamente para que essas reedições acontecessem.



## . 3 .

Então, repare-se, ao entrar nessa esferologia de chuvas, tem-se uma maneira ecossocialista de tocar o mundo, que está diante do *ludos* da infância, do *nonsense* e suas tramas, dos enigmas da conversão e da fé até os desaprumos do tempo, da morte, da palavra, dos impasses da tradição da poesia e algumas imagens, como por exemplo, o concretismo de Apollinaire, as vanguardas russas, a poesia de Joaquim Cardozo, o epigrama recriado, as intertextualidades de historinhas desmedidas, a animalidade, a seca nordestina etc. Esse *Tempo de chuva* é quase uma oração no deserto, um vínculo, uma dádiva, diante de um mundo doente quando tudo é ordem e também, em nossa lástima moralista, contraordem. As linhas tensas de Horácio Dídimo removem-se contra toda a precariedade da fala, com seus modos de uso da frase feita. Nesse gesto às avessas, projeta uma dança — *dizer sem dizer* —, um *dizer* esgarçado numa espiral que beira o sem fim do sem fim, mais perto do mistério, do milagre e o mais

longe possível do chão. No poema “a seca” ele inscreve um bom exemplo desse apontamento diante de “um tempo que não tem anestesia”, imparável, faminto, onívoro:

o pior é que o dia de hoje  
amanhã  
será ontem  
sei que vocês sabem de tudo  
mas não me contem

acabou-se o grande consolo  
da tua voz de terra bem chovida  
é a seca  
eu bem que disse  
é um tempo que não tem anestesia

Escrever, para Horácio, nunca foi uma necessidade, mas sim um desejo, uma exigência, uma emergência. Aderir ao movimento dos dias, à ausência de superfície, sem abundância, sem sucesso, sem fracasso, sem estratégia de mercado, sem propaganda, “participação ausente” e efetivamente severa, numa preferência radical ao mínimo em troca da glória de

fazer livros. Quando escrever não é fazer livros, e isto é um gesto que se dispara como “o raro”, numa cosmologia de sonho, quando um livro é o céu, um repouso no escuro, algo inseparável do pensamento; tal como simplesmente caminhar vagarosa e convicto por uma rua cheia de gente ou vazia. Uma coragem: alguém a algo. E isto se demora numa *anacronia*, a pensada por Derrida, por exemplo, quando não há apenas um único tempo, assim como também não há um instante sem medida comum com outro instante, e isto se dá por causa da morte. Diante da morte não há cronologia nem cronometria: “Não se pode, nem mesmo quando se readquiriu o sentido do real, medir o tempo.”, diz Derrida.

Horácio recusou educadamente um prêmio. Suas tarefas com o poema existem em silêncio. Era o passo lento, a voz baixa, o riso elegante e torto daqueles que só são capazes de rir assim porque percebem e incorporam que a vida não passa de algumas perguntas embaraçadas que esboçam o desenho de uma rarefação incomum. Mais forte, essa rarefação das linhas desenhadas por Horácio nos indicam que no fim disso tudo

não há resposta alguma, apenas “hipóteses”, como esbravejou a boneca Emília, sua personagem favorita, ao sabugo Visconde. Nessa volta e meia do caminho da vida, um desequilíbrio, Horácio levou à risca o que disse Dante: o poeta tem que ser perigoso, a poesia tem que ser perigosa. É a essa ideia de que muitas vezes é preciso não se mover, a lado nenhum, e, mais ainda, do quanto o mundo, naquilo que ainda existe como poema, vem numa dobradura de criança, que é sempre a de um *provavelmente*, feito passarinho carrancudo.

#### . 4 .

*Tempo de chuva*, a “generosidade de um jovem”, litoral em movimento, é uma monotonia para um inexpresso político que se configura com uma participação ausente, provavelmente engendrada através dos pequenos poemas que Horácio escreveu em russo, a língua dos poemas de Maiakovski e do cinema com poesia de Sergei Eisenstein ou Kenji Mizoguchi, outras duas de suas fortes inferências para o que procura dizer

sem dizer tanto: imaterialidade, inaparência, nenhuma imagem é o visível e toda imagem, se ainda aparece, é apenas e somente uma invisibilidade, um êxtase. Esse desenlace singular e forte está num poema de Horácio Dídimo, “de como apesar de tudo a vida continua”, em linha reta apontando a microscopia das coisas essenciais e, ao mesmo tempo, “melancólico, e vertical”, como disse Drummond:

se  
eu  
pudesse

mas  
não  
adianta

eu  
não  
posso



*Para a minha irmã* ELIANE





*Ali, de pé, em silêncio, ele ficará pelo tempo afora  
na dura expectativa da estiagem que não vem.  
Não fora essa chuva uma coisa prometida por Deus  
na sua infinita misericórdia.*

**ANTÔNIO GIRÃO BARROSO**

*Um verso nos espreita. Mas todos  
nos afastamos para os longos túneis.  
E somos infiéis.*

**ARTUR EDUARDO BENEVIDES**



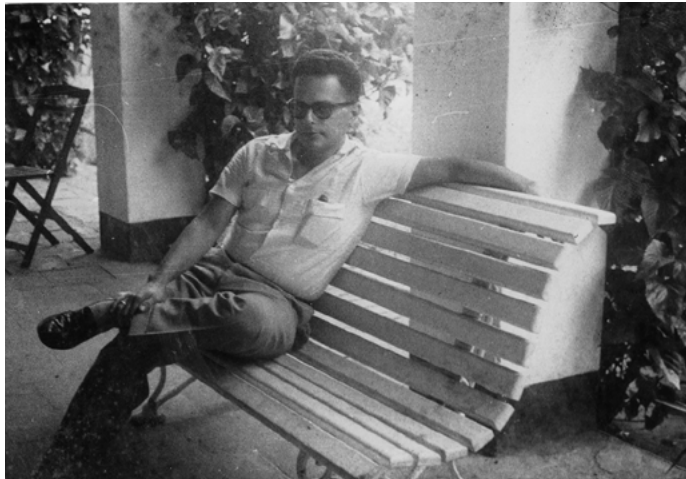
## **a chuva**

vou recomeçar  
como se fosse uma continuação  
como se eu houvesse persistido toda a minha  
[vida

esta tarde nublada não me mete medo  
eu aceito  
podem dizer a todo mundo que eu aceito

não é preciso subir nem descer  
basta que eu fique aqui neste momento  
aqui  
agora  
olhando através das vidraças  
a água que começa a correr





essa segunda edição de **tempo de chuva**, de horácio dídimo, impressa na gráfica eskenazi, em papel pólen bold 90g/m<sup>2</sup> no miolo e cartão triplex 300g/m<sup>2</sup> na capa, com a tipografia meridien, aparece 56 anos depois da primeira, em 2023: ano em que se completam os 131 anos de fundação do genial movimento da **padaria espiritual** e que luís inácio lula da silva, ex-retirante, nordestino, volta à presidência da república: “depois a gente nunca mais se esquece”.



**HORÁCIO DÍDIMO** (1935-2018) poeta, professor, ficcionista e ensaísta cearense. *tempo de chuva* é seu primeiro livro, publicado em 1967. Escreveu mais de 50 livros entre poesia, ensaios e infantis. Pela mórula publica-se também a reedição de *tijolo de barro* (2023), seu segundo livro, de 1968.

 INSTITUTO  
**HORÁCIO DÍDIMO**  
ARTE, CULTURA E ESPIRITUALIDADE

 **mórula**  
EDITORIAL

ISBN 978658131553-5

